

**DA PRECARIZAÇÃO ESTRUTURAL DO MUNDO DO TRABALHO À
DEGRADAÇÃO REAL DA VIDA DO SER SOCIAL.
UM OLHAR PARA AMÉRICA LATINA**

LEANDRO NUNES

“Quando se parte da consideração da totalidade social e, portanto, da gênese da sociedade humana, põe-se em relevo a função central do trabalho, que é a condição ineliminável de qualquer relação humana. O trabalho revela-se o princípio que em geral torna possível o ser social. Mas, se o trabalho possui realmente esta função central, não podem existir processos ou fenômenos na história da sociedade, referidos aos indivíduos socializados através do trabalho, que não se possam vincular, em última análise, à relação sujeito-objeto e ao princípio que a fundamenta, o próprio trabalho” (Leo Kofler, 2010).

Resumo: Partindo do pressuposto que o trabalho é a interferência do homem na natureza, através de um processo de mediação, controle, regulação, onde ao se inserir em tal processo o homem altera todo um sistema primário da natureza e a si próprio. Em tempos de globalização o mundo do trabalho sofre um constante processo de precarização, influenciando diretamente a vida do ser social. Tal precarização tem se tornado presente nas distintas relações de trabalho, em especial na América Latina.

Palavras chave: Precarização, Saúde, Capitalismo Dependente.

I. INTRODUÇÃO

O presente ensaio tem por objetivo analisar os aspectos tangentes à reestruturação produtiva ocorrida nas últimas décadas e suas referidas implicações na recente precarização estrutural do mundo do trabalho. Tais implicações recaem sobre a vida do trabalhador, onde estes convivem diariamente a partir de então sobre condições sub-humanas de trabalho, longas jornadas, exposição direta a instrumentos super afiados, expostos a temperaturas altas ou baixas, entre outros. Como consequência deste universo de labor, ocultação dos direitos trabalhistas, sociais, culturais há a constante deterioração da saúde, da capacidade de reproduzir sua vida em todas as instâncias (bio-psico-social) em níveis cada vez mais alarmantes. Níveis estes que vão de uma LER/DORT (lesão por esforços repetitivos/doença osteomuscular relacionada ao trabalho), *stress* até o óbito. Agora este novo trabalhador “gentilmente” chamado de colaborador pelas empresas é o trabalhador doente, o inválido, o mal assalariado, é aquele “parceiro” da empresa, mas em épocas de crise é o primeiro a sofrer as consequências, é que observa atentamente sem nada poder fazer seus direitos historicamente conquistados serem despojados pelo capitalismo. Tal situação se agrava ainda mais nos países da periferia do capitalismo, em especial na América Latina, uma vez que este continente subdesenvolvido a muito se vê imerso desde meados do século XIX na dependência econômica, tecnológica de outros países centrais.

Sem mencionar a elevada taxa de desemprego, analfabetismo, mortalidade infantil, violência, entre outros.

II. O TRABALHO COMO ASPECTO FUNDADOR DO HOMEM

Antes de realizar qualquer análise referente à reestruturação produtiva e/ou precarização do mundo do trabalho é necessário que se realize um breve estudo sobre a categoria trabalho. Vejamos.

A priori por trabalho se entende: a interferência do homem na natureza com o objetivo de produzir bens que possam satisfazer as necessidades humanas, onde tais ora se apresentam de forma coletiva ora individual. Na medida em que o capitalismo se desenvolve o trabalho vai adquirindo características duais, ora para satisfazer as necessidades básicas do ser humano, ora para saciar a sede voraz do capital pelo mais-valor. Por intermédio do por teleológico (atividade exclusiva do homem), o ser social pré-idealiza seu produto antes mesmo de começar a produzi-lo. Vale aqui retomarmos a passagem de Marx em O Capital:

“O trabalho é, antes de tudo um processo entre homem e natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. [...]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: braços e pernas, cabeça e mãos. [...]. Pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes as do tecelão, e uma aranha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um processo que já existia idealmente. [...]. Além do esforço dos órgãos que trabalham, a atividade laboral exige a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção do trabalhador durante a realização de sua tarefa.” (Marx, 2013, p.255-256).

Diante do exposto citado anteriormente pode-se indicar que mediante o ato do trabalho o homem não só altera o ambiente natural, mas a si mesmo num segundo plano. No entanto como afirmam Netto e Braz (2010, p.43) *“o trabalho é constitutivo do ser social, mas o ser social não se reduz ou esgota ao trabalho.”* Sendo assim, na medida em que o homem se desenvolve e se complexifica nos planos físicos e sociais ele também o faz no plano psíquico. A partir de então se tem não apenas a exploração homem-natureza, mas também a exploração homem-homem.

No processo de trabalho o ser social e suas respectivas ações perpetuam tanto a criação de valores de uso (possibilita a satisfação de determinada necessidade) como valores de troca (aquilo que pode ser vendido e/ou trocado). Marx expõe tal análise na seguinte passagem:

“Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força humana de trabalho em sentidos fisiológicos, e graças a essa sua propriedade de trabalho humano igual ou abstrato ele gera o valor da mercadoria. Por outro lado, todo trabalho é dispêndio de força

humana de trabalho numa forma específica, determinada a realização de um fim, e, nossa qualidade de trabalho concreto e útil, ele produz valores de uso.” (Marx, 2013, p. 124).

Na sociedade capitalista, o trabalho é tudo, pois dele se oriunda as distintas categorias econômicas, sociais, culturais, acumulação de riquezas, entre outros. Outrora o percussor da força de trabalho nada vale. Ao realizar uma análise histórica da sociedade e/ou do trabalho a partir de uma visão ontológico materialista, ver-se a história não como um emaranhado de “fatos mortos”, como propõe o capitalismo, mas sim como uma investigação em contínuo processo, logo de acordo com Lukács *“passado nem sempre e algo passado, mas exerce função no presente”*, ou ainda de acordo com Lessa (2007, p.199) *“Os homens seriam os únicos e exclusivos demiurgos do seu próprio destino, não haveria aqui nenhum limite imposto a eles senão as próprias relações sociais constituídas pela humanidade”*. Sendo deste modo o trabalho não é apenas o construtor das relações materiais existentes nas sociedades, mas também o processo construtor de novos indivíduos sejam eles alienados ou não. Neste sentido se pode apontar o quão forte está o nível de decadência ideológica já antes estudado por Marx e Engels, Lukacs e explanado assim por Lara:

“A decadência ideológica denunciada por Marx e Engels, e decodificada, por Lukacs, e o período claramente marcado pela tentativa dos ideólogos burgueses em produzir conhecimento que tem como premissas a evasão da realidade social, com explicitas intencionalidades de manutenção da ordem burguesa. Lukacs analisa o desenvolvimento da apologética burguesa e a mistificação do pensamento social, demonstra a relação entre as distorções espirituais da classe burguesa e, por conseguinte, a evolução material da sociedade capitalista.” (Lara, 2012, p.196).

Com o súbito desenvolvimento das relações de produção acarreta diretamente no aparecimento do excedente econômico e com isto as transformações na sociedade também aparecem, ou seja, brotam no seio da sociedade classes sociais distintas. Bem como o processo de trabalho se reorganiza: principalmente com a queda da produção manufatureira onde os trabalhadores se relacionam com a mercadoria produzida, agora na produção capitalista os trabalhadores não mais são donos da matéria base, dos instrumentos de trabalho e sim o capitalista, bem como a própria força de trabalho onde o capitalista subtrai a força de trabalho do indivíduo e a troca por um salário. Tal salário deveria ser a soma suficiente que proporcione ao indivíduo assegurar sua produção e reprodução da vida social, deste modo o capitalista se apropria de todo o lucro resultante da mais-valia.

Tal análise nos permite indicar a perda da centralidade primária do trabalho, donde a sociedade burguesa o utiliza com o objetivo de adquirir riqueza, bem como a negação da história, da formação do ser social, do desenvolvimento do processo de trabalho como processo, em contrapartida se perpetua a miséria, fome, violência, desigualdades sociais, ocultação dos direitos trabalhistas, sociais, precarização estrutural do mundo do trabalho, decadência ideológica, etc. O objetivo de todo este leque de exploração, destruição, ocultação,

subalternização imposto pelo capital, possui o objetivo de criar “*uma natureza a sua própria imagem*”, (Harvey, 2012), uma natureza moldada a seus interesses.

Ao se inserir no processo de trabalho o homem se torna outro ser, completamente distinto do ser natural, porém não eliminando este. O ser social. Este é o ponto central do salto ontológico descrito por Lukács: a passagem do ser inorgânico para a vida e depois o salto para o ser social, através do trabalho. Tal salto provoca dois efeitos distintos: o primeiro este novo ser agora o é desenvolvidamente e qualitativamente diferente e superior ao anterior, o segundo impõe que a natureza só possui condições de continuar seu processo norteado pelo ser inorgânico. O “salto ontológico” possui então, o elemento “transicional” do trabalho, ou seja, o trabalho é a categoria mediadora entre o ser biológico e o ser social. Logo, Se é então através do trabalho que se tem o salto ontológico (do biológico ao social) tem-se que ao realizar o trabalho o ser social cria então suas condicionalidades objetivas e subjetivas de sobrevivência (necessidades estas que não necessariamente são apenas biológicas).

Quanto mais se desenvolve o processo de trabalho, bem como suas consequentes relações se desenvolve concomitantemente as bases estruturantes da sociedade, deste modo se observa a criação de instituições tituladas como: família, Estado, igreja, escola, cultura, religião, política, ética, moral, arte, tecnologia, ciência, dentre outros. O trabalho como sabemos possui um progresso histórico e se tornou um marco no contexto histórico da humanidade. Uma vez que, como já afirmado este é o ente constituidor e transformador do mundo natural e do mundo social.

No trânsito do século XX para o XXI se dá o início ao processo de globalização e conjugado com isto o mundo do trabalho também se globaliza. O trabalho agora ultrapassa regiões, fronteiras, estados. Com este processo em curso o mercado mundial de capitais e do trabalho sofre um “*up*”, onde se tem a partir de então um amplo processo de migração, uma vez que o agronegócio, o ramo calçadista, o trabalho no meio virtual, as indústrias, proporcionam oferta de emprego. Diante desta batalha travada entre capitalismo e trabalhador misturam-se raças, etnias, gêneros, idades, culturas, divergências políticas e ideológicas. Nos anos 70 o modelo de produção *taylorista-fordista* começa a entrar em decadência, uma vez que não mais se conseguia suprir as demandas do capital. Também nesta década inicia-se uma fase de expansão da tecnologia, sendo assim o trabalho vivo começa a ser substituído pelo trabalho morto. De acordo com Antunes 2008 “*este é o aspecto dual e pendular do trabalho onde ora o trabalho é felicidade ora é sofrimento, ora é servidão ora é emancipação, ora é atividade vital ora é expressão do sujeito*”.

Logo começa a surgir um novo tipo de trabalhador, um trabalhador quer seja adequado aos novos instrumentos de produção, onde exige maior grau de escolarização, polivalência, centrar-se a frente do processo de produção, entre outros. Agrega-se a este novo modelo, o avanço do trabalho informal, temporário, ou seja, aqueles trabalhadores sem vínculo

empregatício, sem carteira assinada, bruscamente falando sem quaisquer direitos de proteção social, e aqueles com vínculo de trabalho são obrigados a se qualificar. Deste modo, estes trabalhadores se veem obrigados a aceitarem as mais nefastas condições de trabalho, pois não veem outro modo de reproduzir sua vida. Antunes analisa transparentemente este novo tipo de trabalho:

“Quais são os contornos desse “novo tipo de trabalho”? ele deve ser mais “polivalente”, “multifuncional”, diferente do realizado pelo trabalhador que se desenvolveu na empresa taylorista e fordista. O trabalho que cada vez mais as empresas buscam não é mais aquele fundamentado na especialização taylorista e fordista, mas o que eu se gestou na fase da “desespecialização multifuncional”, que em verdade expressa a enorme intensificação dos ritmos, tempos e processo de trabalho (Bernardo, 2004). E isto ocorre tanto no mundo industrial como nos serviços, para não falar do agronegócio.” (Antunes, 2011, p.107).

III. A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E A DEPRECIAÇÃO DA VIDA DO TRABALHADOR

No limiar das mudanças ocorridas no mundo do trabalho, esta nova morfologia torna o trabalho flexibilizado, precarizado traduzidos em longas jornadas, perda de direitos, meio ambiente de trabalho insalubre, baixos salários, entre outros. Impondo a homens e mulheres, trabalhadores do centro da cidade e do campo, nacionais e imigrantes, jovens e idosos, trabalhadores formais e informais, qualificados e desqualificados, trabalhadores de todas as raças, credos e cores os ditames exploratórios do capitalismo contemporâneos. Uma vez que estes se veem obrigados a se submeter a tais, pois não veem outros modos de produzir e reproduzir sua vida social se não a de trabalhador assalariado. Este é o quadro que se inicia o século XXI um quadro de profundas contradições de classe, exploração da classe trabalhadora, expropriação do meio ambiente, sem é claro mencionar os quadros de corrupção, desmonte das políticas sociais, desemprego, violência, entre outros.

Pesquisas apontam que mais de um bilhão de pessoas (homens, mulheres, crianças, idosos) sofrem os ditames acima citados. Alguns teóricos apontam que desde os primórdios do capitalismo, homens e mulheres trabalham menos, outrora, percebe-se que cada vez mais homens e mulheres sofrem a árdua tarefa de procurar emprego, e quando encontram se inserem nas mais contraditórias situações de labor. Agravando deste modo não só os níveis de precariedade do mundo do trabalho, como também o quadro social do país. Como falado anteriormente a precarização do mundo do trabalho esta em todos os níveis de escolaridade, de idade, nas mais diferentes modalidades de emprego: presente nos frigoríficos aos professores, dos operadores de telemarketing aos assalariados do Mac Donald, sem mencionar ainda os alarmantes casos de trabalho escravo nas fazendas e/ou agronegócio.

Por mais que a lei contra o trabalho escravo tenha sido sancionada (PEC 438 que permite a expropriação de terras onde sejam encontrados trabalhadores em condições de escravidão), ainda ouve-se denúncias de trabalhadores em situação de escravidão, por todos os cantos do país. Ricardo Rezende Figueira em seu livro *“Pisando Fora da Própria Sombra”*, denuncia à escravidão por dívida no país. Neste tipo de escravidão os trabalhadores ao entrarem na fazenda, já contraem dívidas, uma vez que as despesas como: alimentação, dormitórios, mulheres (profissionais do sexo), transportes são pagas pelo dono da fazenda e são cobrados ao longo do tempo de serviço. É necessário que se fale que todo o controle de despesas e pagamentos é o patrão, logo o trabalhador nunca sabe quantos ainda deve e/ou quantos já pagou. Sendo assim por mais que os trabalhadores queiram sair da fazenda visto as condições sombrias de trabalho que vive, o patrão o prende na mesma sob a alegação que para sair o empregado ainda deve um valor x, na maioria das vezes tais valores são exorbitantes e o empregado não tem condições de pagar, deste modo ele se vê obrigado a continuar na fazenda, a situação agrava-se o capataz do patrão pegar algum destes fugindo, as consequências vão de torturas emocionais e/ou físicas até corte de alimentação e/ou cama para dormir.

Figueira define o processo contratação dos trabalhadores da seguinte maneira:

“Para realizar o trabalho, o fazendeiro em geral alicia diretamente ou através de terceiros, pessoas de outros municípios ou mesmo fora do Estado. Uma vez transportados até os imóveis, os recrutados são informados de que só poderão sair após o “abono” recebido no ato do recrutamento e ou dos gastos com o transporte, hospedagem, alimentação efetuados no transcurso da viagem. A dívida só aumenta, pois eles devem adquirir sua alimentação e os instrumentos de trabalho de uma centena são incompatíveis com a remuneração prevista.” (Figueira, 2009, p.35).

Agregam-se ao exposto acima as já conhecidas formas de precarização como: condições do meio laborativo, exposição direta a raios solares, chuvas, animais peçonhentos, longas jornadas, sobrecarga de trabalho, entre outros. Bem como vivem em alojamentos apertadíssimos, condições sanitárias horríveis, cárcere privado, alimentações péssimas, etc. Outro agravante e que estes trabalhadores não possuem vínculo formal de trabalho, logo se veem banidos de quaisquer direitos trabalhistas, sociais, previdenciários, bem como direito de gozo de férias, décimo terceiro, descanso remunerado, entre outros. Muito se têm avançado em termos de leis, punições, denúncias, porém ainda existe um enorme déficit de fiscalização e denúncias dos próprios trabalhadores. Estão inseridos neste universo de trabalho mulheres, crianças, idosos, homens.

Para as mulheres muitas das vezes resta à prostituição, para as crianças não são poucos os casos de encontra-las trabalhando em carvoarias, afazeres domésticos e até mesmo prostituição, turismo sexual. Crianças obrigadas a saírem da escola para trabalhar, proibidas de viver, crescer. Crianças a muito jogadas no trabalho precoce, degradante. Crianças geradoras de

lucros exorbitantes vistas sua pouca qualificação para o trabalho e, por conseguinte a mão de obra barata. Este é o duro, mas verdadeiro quadro social brasileiro.

“A quem incomoda a dignidade humana; a quem incomoda a beleza, a resistência, a sensualidade, a honestidade, a capacidade de organização do pobre; a quem incomoda a imagem bonita dos menos favorecidos? A quem incomoda a denúncia das injustiças da pobreza? Incomoda aos ricos e incomoda a uma parcela da classe média. Pra existir um rico quantos pobres têm que existir?” (Trabalhador Carvoeiro, Apud. Revista “mundo e missão” in <http://www.pime.org.br/mundoemissao/justicasocialinfantil.htm> acesso em 10/0602013).

Condições degradantes de trabalho, subalternas de trabalho vivem também os trabalhadores nos frigoríficos. Estes ficam por horas expostos a facas ultra-afiadas, serras, movimentos repetitivos, câmaras frias e úmidas, etc. estes trabalhadores são sérios candidatos a mais tarde sofrerem de LER/DORT, doenças respiratórias, decapitação de membros, entre outros não obstante estes trabalhadores sofrem ainda pressões psicológicas por mais produção. De acordo com o MPS (Ministério da Previdência Social), um funcionário de um frigorífico possuem três vezes mais chances de sofrer de um traumatismo craniano que qualquer outro trabalhador, ainda segundo o mesmo, o trabalhador no setor da desossa possui 74% de chance de sofrer de tendinite, visto que tais trabalhadores desossam 3 mil frangos/hora distribuídos em 18 movimentos a cada 15 segundos, sendo que o limite é de 6 movimentos a cada cinco segundos. Remijo reflete com transparência o trabalho neste setor:

“No setor da desossa, ou descarniação, o gado vem por uma nora e chega aos trabalhadores, que estarão a postos para esse tipo específico de trabalho, a desossa. Os desossadores, também conhecidos como faqueiros, retiram os cortes um de cada vez, sendo responsáveis pela qualidade da carne, pois quanto mais nobre a carne, maior a especialidade exigida do faqueiro. Neste local, há uma organização do trabalho, nos moldes tayloristas, onde os faqueiros colocam-se lado a lado um dos outros para retirar os cortes, atividade cujo ritmo é dado pela nora, portanto um ritmo de trabalho intenso, repetitivo e estafante para os trabalhadores.” (Remijo, 2010, p.6 in: http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/Alcides_Pontes_Remijo_O_Silencio_da_Dort.pdf).

Lara e Remijo dissertam deste modo à contradição entre capital e trabalho expressa nos frigoríficos:

“Essa contradição entre lucro capitalista e integridade física dos trabalhadores se manifesta com grande intensidade nos frigoríficos, seja pela intensificação do trabalho vivo, seja pela elevação da composição orgânica do capital. Os frigoríficos brasileiros obtiveram ganhos de produção de forma estrondosa e como consequência o segundo lugar no ranking das exportações brasileiras em 2006 com a venda de carne bovina, de frangos e de suínos, alcançando a cifra dos US\$ 8,6 bilhões, um aumento de 5,5% em relação a 2005.” (Lara e Remijo, 2012, p.4).

Nas últimas décadas observamos o advento do teleatendimento, neste o trabalhador possui como principal ferramenta de trabalho a voz os dedos. Nas centrais de teleatendimento 80% dos trabalhadores são mulheres, as idades variam de 20 a 40 anos principalmente entre 20 e 25 anos, quanto à educação mais de 80% possuem o segundo grau completo, o restante possuem ou estão cursando o nível superior. Quanto aos homens grande parte está na chefia e/ou setor de vendas. Muitos destes jovens se inserem nesta categoria, pois alguns veem nesta oportunidade de ascensão profissional dentro da própria instituição, como meio de pagar os estudos, primeiro emprego.

Há algumas décadas atrás o salário feminino servia apenas como complemento de renda, uma vez que o machismo presente em grande parte da sociedade não permitia que a mulher fosse mais que uma simples reprodutora do trabalho doméstico. Nos últimos anos com o crescente índice de desemprego principalmente do sexo masculino, crescimento dos lares tendo a mulher como a principal responsável pelo sustento da residência, bem como a emancipação das mulheres no que diz respeito à dependência dos homens, entre outros este mesmo salário tem sido de vital importância para o sustento da casa e/ou filhos.

No ramo do telemarketing os trabalhadores (as) sofrem com um rigoroso controle de trabalho, onde são constantemente vigiadas, pressionadas, abusadas moralmente, etc. Nogueira nos explicita que devido a este universo de usurpação da força de trabalho não só físicas, mas também psíquicas provoca nos trabalhadores deteriorações em todos os níveis:

“Dentro desta postura diversos fatores de risco estão presentes para o adoecimento da trabalhadora, entre eles: ritmo alucinante de trabalho, ausência de pausas para recuperar o organismo, metas de produtividade desgastantes, pressão constante de supervisores com controle rígido de trabalho, insalubridade do ambiente de trabalho, inadequação do mobiliário e dos equipamentos e a postura estática.” (Nogueira, 2009, p. 191, in infoproletarios: a degradação real do ser virtual).

De acordo com pesquisas as doenças mais relatadas entre estes trabalhadores (as) são as LER/DORT, onde tais doenças vão degradando ao longo de uma vida de trabalho tendões, articulações e músculos. No início tais lesões se manifestam como uma simples dor, fato este que leva os mesmos a acharem normais tais dores e/ou que é devido a um dia de trabalho, porém ao longo do tempo podem os levar a incapacidade temporária ou permanente. Não obstante estes trabalhadores, em maior ocorrência nas mulheres, por serem e maior número inseridas neste ramo de trabalho, podem sofrer lesões na audição ou voz, uma vez que os ruídos provocados pelo telefone podem chegar há 85 decibéis, tal grau ao longo do tempo pode levar a perda da audição. No que se refere à voz, por ser seu principal instrumento de trabalho e devido ao longo tempo falando, quase que toda a jornada de trabalho, pode provocar nestes trabalhadores; lesões nas cordas vocais, inflamações na laringe e faringe. O ritmo incessante de

trabalho, pressão por produção, mas instalações do local de trabalho, mobílias defeituosas, entre outros leva estes (as) trabalhadores a constantes casos de stress, neurastenia, fadiga, neurose, coceira nos olhos, secura na garganta, tonturas, dores de cabeça, problemas na bexiga, etc.

As mulheres sofrem uma dupla exploração, ou seja, além do espaço da produção (externo) há concomitante a isto o espaço da reprodução de sua vida social (interno), ou seja, o âmbito do trabalho doméstico; cuidar dos filhos, limpar a casa, lavar roupa, etc.

Não só a saúde do trabalhador é deteriorada pela constante e grave precarização estrutural do mundo do trabalho, mas também toda uma gama de relações sociais, familiares, uma vez que devido à longa, exaustiva, estressante jornadas de trabalho não possuem tempo para o lazer, família, amigos, se dedicarem aos estudos, entre outros.

IV. O CASO DA AMÉRICA LATINA

De acordo com Fernandes o modelo de capitalismo vigente na América Latina se vale da expropriação e apropriação já ocorridas nos países centrais, com um adendo, o acúmulo da mais-valia serve para o crescimento das células dominantes seja elas internas ou externas. Ainda segundo ele, todo este leque de precarização da força de trabalho, discrepância econômica, polarização social, questão política, cultural abalada, etc. deve-se essencialmente a expansão do sistema capitalista em os todos os países periféricos. O mundo do trabalho ultrapassa fronteiras e com ele a precarização estrutural, má remuneração, informalidade, trabalho escravo, entre outros. Enquanto agora que tais ditames estão chegando ao centro da Europa aqui na América Latina já o começaram desde a chegada dos portugueses onde estes enfiaram junto com espanhóis o trabalho escravo dos indígenas e dos africanos por todo o continente, as custas da violência, morte, tortura.

Nosso continente não possui condições mínimas de condicionar a seus membros as condições mínimas de sobrevivência, o Estado de Bem-estar-social nunca chegou aqui. E a super-exploração foi o caminho mais rápido utilizado pelos capitalistas para a extração de lucros exorbitantes nas relações de trabalho. Tais índices de exploração não se devem apenas aos já referidos casos de trabalho escravo, mas também a explosão demográfica de jovens, ao grande índice percentual de mão-de-obra desqualificada, a má organização sindical (em alguns países), ao próprio modelo de sistema adotado, onde a mercadoria produzida não é destinada ao consumo da população local ou regional e sim ao grande mercado de capital internacional, entre outros.

O modelo de acumulação vigente nos países da América Latina é norteado por duas óticas, porém uma esta ligada a outra, fornecimento dos fatores de produção e a partir daí se tenha condicionalidades de reproduzir o capital ante as economias majoritárias do capitalismo mundial, concomitante a isto cria condições sumárias para que as burguesias emergentes da

periferia do capitalismo atrás há muito no mercado de competição capitalista, induzir no processo de trabalho, na formação socioeconômica a super-exploração do trabalho, ocultamento de direitos, etc. De acordo com Beck à medida que se acentua a desregulamentação do trabalho formal, acentua a exploração do trabalho, acentua a miséria da classe trabalhadora, acentua a flexibilização, mais rapidamente a sociedade trabalhadora se transforma em sociedade de risco.

“O mundo do trabalho e seus protagonistas, os trabalhadores, terão de travar suas lutas em torno da restituição de suas condições de vida e de trabalho, que o capitalismo neoliberal lhes arrebatou através da imposição da desregulação e flexibilização do trabalho.” (Valencia, 2009).

A América Latina, bem como os outros continentes periféricos possuem um grande desafio a frente, o de afrontar firmemente os já desenvolvidos e fortes Estados dos países centrais, uma vez que estes buscam nas novas periferias mão-de-obra barata, recursos naturais, debilidade tecnológica fatores estes que submetem os emergentes a dependência estrutural ao capital internacional, não obstante sua redefinição perante o arcabouço da divisão internacional do mundo do trabalho.

“Diante desta situação, Florestan pensa que os níveis de exploração — de privilegiamento de um lado, e de exploração e degradação do outros — somados aos níveis de opressão e de exclusão dos direitos e do acesso ao poder alcançam tal magnitude que não mais garantem na América Latina a “integração, a estabilidade e a transformação equilibradas da ordem social inerente à sociedade de classes”. Consequentemente, isso põe em risco a própria possibilidade de manutenção da ordem social responsável por tais relações sob um sistema de produção que tem como inerente a ordem social competitiva.”(Cardoso, 1995. Acesso em fevereiro de 2014 <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/limoeirocardosoflorestan1.pdf>)

O limiar dos anos 80 trouxe a América Latina novas formas de exploração da força de trabalho, novas formas de alienação do ser social, sob os prismas da reestruturação do capital agora como em todo canto do mundo o trabalhador é o colaborador, é o parceiro da empresa, é aquele que participa do desenvolvimento da empresa, porém é o primeiro a sofrer os ditames da reestruturação do trabalho. A globalização avança a passos largos junto com a elevação da pobreza, da violência, da fome, da sede, etc. As condições de penúria estão aí. Do México a Argentina, do Peru ao Chile, sem contar do Brasil de seus presidentes servis ao grande neoliberalismo.

Estamos chegando a um ponto onde o neoliberalismo prega o fim da história, o fim do trabalho formal, a globalização financeira domina o continente latino-americano onde a distribuição de renda se tornou bipolar, o salário não evolui ao mesmo passo que a produção, entre outros. Concomitante a isto cresceu em demasia as lutas sociais, principalmente em meados do século XX, agora não mais se tem apenas os trabalhadores envolvidos nas lutas por melhores condições de reprodução da vida social, mas também estudantes, idosos, crianças, a sociedade cada vez mais assolada pelas mazelas da Questão Social foi às ruas protestar, como exemplo foram os levantes populares ocorridos no ano de 2013 no Brasil. Se subjugar ao mundo do trabalho que tanto criticamos, e necessário para que possamos perpetuar nossas condicionalidades objetivas e subjetivas de sobrevivência, neste sistema atual de total exploração, expropriação dos direitos do ser social.

“(...) o subdesenvolvimento, onde ele surge e se mantém, não é uma mera cópia frustrada de algo maior nem uma fatalidade. Mas uma escolha, se não realizada, pelo menos aceita socialmente, e que depende, para ser condenado e superado, de outras escolhas da mesma natureza, que forcem os homens a confiar em si mesmos ou em sua civilização e a visarem o futuro (FERNANDES, 1968).”

V. CONCLUSÃO

Apenas assegurando uma harmonia entre todos os membros da sociedade se tornaria possível a evolução e desenvolvimento da sociedade, desde que sejam respeitadas as ordens naturais. Porém em uma sociedade onde cada indivíduo ou grupo vive para si, não reconhecendo seu papel de importância na sociedade para o “bem estar” de todos da sociedade se torna impossível observamos tal progresso seja ele econômico, político, social, ideológico, educacional, cultural entre outros. De acordo com o pensamento positivista o próprio desenvolvimento desenfreado do capitalismo industrial, gera na sociedade um mundo fadado ao conflito eminente entre os homens de uma mesma sociedade, tais conflitos geram caos e desordem a sociedade e ao progresso social. De acordo com o pensamento de Weber o contemporâneo modo de produção eminentemente atrelado aos interesses do capital, nada tem a ver com o desenvolvimento do processo de trabalho, nem das relações sociais, tão pouco das relações de produção, mas sim de todo um processo de formação de novas regras sociais e morais nomeadas por ele como ética protestante, ou seja, segundo o mesmo este novo modo de produção só se tornou possível devido ao trabalho duro, árduo, poupança, entre outros.

Percebe-se diante do contexto aqui apontado uma intensa destrutividade do ser humano, relações sociais, direitos trabalhista, meio ambiente, entre outros. Observa-se também que a referida reestruturação no mundo do trabalho impulsionado pelo grande capital, não passa de

uma configuração ideológica em resposta as constantes e graves crises do capitalismo. Onde se cria uma espécie de segunda natureza, moldada aos objetivos da expansão do lucro e do sistema, se cria também um tipo de sociedade com hábitos descartáveis, temporários, oportunistas, entre outros. Emerge também um novo tipo de trabalhador, um trabalhador (des) qualificado, heterogêneo, completo.

Neste sentido se tem um mundo adaptado e ordenado pelo neoliberalismo, um mundo cada vez mais flexibilizado, privatizado, terceirizado. Tem-se também uma constante e acentuada fragmentação da classe trabalhadora, criminalização dos movimentos sociais, adoecimentos temporários e/ou permanentes, exploração infanto-juvenil, entre outros.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 15º ed. São Paulo. Cortez. 2011.

_____. , BRAGA, R. (Org.) Autores NOGUEIRA A.M. [et al]. Infoproletarios. A degradação Real do Ser Virtual. São Paulo. Boitempo. 2009.

BRAZ, M. E NETTO, J. P. Economia Política: Uma Introdução crítica. 6º ed. São Paulo. Cortez. 2010.

FIGUEIRA, R. R. Pisando Fora da Própria Sombra: A escravidão por Dívida no Brasil Contemporâneo. Rio de Janeiro. Civilização. 2004.

IAMAMOTO, M. V. Serviço Social em Tempo de Capital Feitiche: Capital Financeiro e Questão Social. 4º ed. São Paulo. Cortez. 2010.

LARA, R. A Produção do Conhecimento no Serviço Social: O Mundo do Trabalho em Debate. São Paulo. Unesp. 2011.

LUKACS, G. Prolegômenos Para uma Ontologia do Ser Social: Questões de Princípios para uma Ontologia hoje Tornada Possível. Trad. Lya Luft e Rodnei Nascimento. São Paulo. Boitempo. 2010.

NETTO, J. P. Capitalismo Monopolista e Serviço Social. 6º ed. São Paulo. Cortez. 2007.

MARX, K. O Capital: crítica a Economia Política. Livro I: O Processo de Produção do Capital. Trad. Rubens Enderle. Boitempo. 2013

SADER, E. E SANTOS, T. (Cord.) e MARTINS, C. E. E VALENCIA, A. S. (Org). A América Latina e os desafios da Globalização. Rio de Janeiro. Ed. PUC-Rio, São . editorial. 2009